

Relato de experiência

Síndrome de Gerontofobia, o que é isso?¹



Carmen Silva

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos e características da Síndrome de Gerontofobia, muito comentada na mídia sob a terminologia do “rejuvenescimento”, a fim de conhecermos os sintomas, e suas causas patológicas, que tanto impactam a vida do indivíduo.

Estas reflexões têm como ponto de apoio o relato de um atendimento terapêutico, realizado com outra colega de profissão. Atuamos como Acompanhantes Terapêuticas de uma idosa, 62 anos, diagnosticada com depressão, cujos pais faleceram quando ainda ela era criança.

Ela residia sozinha em casa de dois cômodos, ao fundo de quintal no qual moram mais duas famílias. Iniciou o tratamento com antidepressivos, mas teve de interromper por não conseguir arcar com as despesas do tratamento, sustentar-se e ainda pagar aluguel da casa, pois recebe apenas um salário mínimo do INSS como auxílio-doença. Afastou-se do trabalho em 2004 por causa das fortes dores que sente na coluna e nas pernas, dificultando sua locomoção e assim prejudicando seu trabalho como cozinheira de forno/fogão e banqueteira, atividades das quais muito se orgulha.

O tema de fundo de seu atendimento era a não aceitação de envelhecer, verbalizado com queixas reais, ou não, e abandono das possibilidades e

¹ Trabalho de conclusão da disciplina Psicogerontologia, do curso de Especialização em Gerontologia. COGEAE – PUCSP. Docente: Prof^a Eliana Novaes Procópio de Araújo, 2013.

alternativas possíveis como, por exemplo, sua resistência em sair de casa com bengala, por ser uma demonstração de velhice e imperfeição, que se soma ao sofrimento pela discriminação devido à cor negra.

Durante o acompanhamento encontramos em seu discurso a presença de baixa estima e conteúdos reprimidos, no que diz respeito a sua sexualidade e agressividade. Constatamos a falta de aceitação perante sua condição social e da fase de vida, lembrando somente de sofrimentos e perdas. Sobre isto Neri (2006, p 80), escreve:

Ganha importância ao ressaltar que é significativo o número de idosos que, por desvantagens em estágios anteriores da vida, não desenvolvem as condições para a continuidade. Essas desvantagens são, entre outras, baixo nível educacional, baixa renda, poucas relações sociais, alta mobilidade geográfica, levando o idoso à descontinuidade e a enfrentar de maneira negativa o envelhecimento.

A falta de energia da idosa era grande, levando-a a se fechar em casa por dias, sem prazer em realizar atividades que gostava ou, simplesmente, para resolver problemas e assuntos corriqueiros. Sua educação foi muito rígida, tornando-a passiva aos acontecimentos e a se comportar de acordo com o que esperavam dela, resultando na crença de não ter direito de realizar seus próprios desejos.

Quando, raramente, ela saía à rua, queria ser invisível para os outros não perceberem seu andar feio, visto por ela como um defeito irreparável, pois acredita que o ser humano tem que ser perfeito, projetando seu preconceito no outro. Sua vaidade feminina se esvaiu há tempos, no entanto sempre recordava quando era jovem e gostava de vestir-se bem. Atualmente, porém, a única coisa que consegue é tomar banho, não se importando com as vestimentas, também por não conseguir comprar roupas pelas suas condições financeiras e peso. A este respeito, Trentin & Silva, assinalam que

A vida das pessoas está mesclada por situações adversas e situações favoráveis. A maioria delas interioriza, com mais facilidade, as situações adversas do que as favoráveis, e o fazem de tal maneira que as consequências se prolongam pelo resto da vida. As situações adversas, quando não enfrentadas adequadamente, podem levar à ansiedade e à depressão que, na maioria das vezes, atuam como "trampolim" para o desencadeamento de doenças, incluídas aquelas do tipo crônico-degenerativas, que podem se constituir em fontes de estresse. (2005, p. 01)

A idosa denota muita mágoa em não realizar seus desejos e, desse modo, se priva de ser o que gostaria, ou fazer o que sonhava, pois acredita que seu tempo já passou e não volta atrás, dizendo várias vezes que não fica bem uma velha fazer alguns tipos de coisas como, por exemplo, namorar, se divertir, etc., elaboração enraizada em crenças e valores discrepantes sobre o envelhecer.

Nessa fase, as perdas, naturais a esse processo parecem ser acentuadas na sua concepção, e reforçam as demais alterações ocorridas ao longo de sua vida, paralisando-a e deixando-a obstinada por um período já vivenciado.

O relato desse atendimento é a base para esta discussão sobre a Síndrome de Gerontofobia, separadas para fins didáticos, para melhor compreensão dos respectivos significados.

A palavra Síndrome, segundo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, significa “conjunto de sintomas que caracterizam determinada condição ou situação”. Já a palavra Gerontofobia (geronto + fobia) significa “aversão a”, ou medo patológico de pessoas idosas ou do processo de envelhecimento. Patologia “parte da medicina que estuda as doenças ou desvio em relação ao que é considerado normal do ponto de vista fisiológico e anatômico e que constitui ou caracteriza uma doença”.

O interessante é não encontrar os sintomas dessa Síndrome nos livros de classificação de doenças e nem como surgiu, sendo apenas relacionada nos artigos ou entrevistas que abordam o tema envelhecimento como algo ou coisa temerosa, e não como uma fase da vida, a ser encarada naturalmente. E a pergunta é: se o indivíduo tem condições de amenizar ou retardar algo que o aflige, por que não tentar?

Você quer envelhecer ...

Quem pode e gosta de cuidar da aparência consegue cruzar os 60 muito bem – desde que respeite seus limites

Silvia Rogar

...assim

... assim

...ou assim?



MAIS OU MENOS LISO
Variações sobre o bisturi: Brigitte, que nunca usou, Ursula, que usou demais, e Helen, que fez a coisa certa

A impressão que temos, ao ler reportagens ou artigos sobre pessoas, famosas ou não, que imaginam “driblar” a velhice fazendo plásticas, para disfarçar ou corrigir algo que não satisfaz, é que esta atitude não é bem aceita. Existe uma crítica não dita relativa a estes comportamentos que devem ser examinados na perspectiva da sociedade atual. Segundo Gaeta (2005, p. 40):

[...] temos medo de envelhecer, em primeiro lugar, porque a partir daí a vida termina. Ponto Final. E temos medo de envelhecer porque não teremos mais espaços sociais de reconhecimento e de sobrevivência. Haja estímulo ideológico a plásticas, ginásticas, cosméticos, etc.

O medo talvez não seja da velhice e das imperfeições, mas o de acreditar que não será mais desejado, como repetia a idosa do caso em exemplo. Como mudar esse pensamento? Quem gostaria de pensar seu futuro no espelho que projeta seu corpo flácido, cabelos com cores indesejadas ou até a falta de dentes? Existe preparo para aceitar, naturalmente, a mudança brusca dos corpos, e realçar que o indivíduo é mais que um corpo perfeito e bonito? Como fazer face ao sofrimento interno e o enfrentamento solitário da pressão social na valorização da juventude? Featherstone (1998), citado por Gaeta (2005), afirma:

Pode-se argumentar que nas sociedades ocidentais contemporâneas, esse processo é exacerbado pela forte ênfase na aparência física na imagem visual que é um dos elementos fundamentais que impulsiona a cultura de consumo. Nenhuma outra sociedade na história, como é frequentemente dito, produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através dos jornais, revistas, dos anúncios e das imagens do corpo em movimento na televisão e nos filmes. A paisagem física das grandes cidades, das construções e lugares nos quais fazemos compras ou nos divertimos estão cheias de imagens e réplicas do corpo humano. A vasta maioria dessas imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias e experiências por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos. Uma boa parte da promoção da moda, indústria de cosméticos e de cuidado com o corpo apresenta esses ideais de corpos como algo que deveria ser atingido. A transformação do corpo que levará a uma transformação pessoal é algo que está ao alcance de todos nós. A mensagem divulgada é simples. Se você parece bem, você se sente bem. (2005, p. 61)

Outro contexto que a sociedade valoriza é do indivíduo ágil, trabalhando e consumindo, resultando na hostilização de pessoas envelhecidas que em determinado momento não consumirão, o que se mostra um engano, pois a pessoa idosa continua a participar do mercado de consumo, talvez mudando a direção dos gastos. Como no caso analisado, a idosa não comprava roupas por sua autoestima estar baixa, resultando em desinteresse em melhorar sua aparência, entretanto tinha interesse em comprar objetos, móveis para casa, mesmo que em muitas prestações.

Indagamos, como resolver as questões que envolvem a saída do mercado de trabalho, a redução dos ganhos, e o aumento de gastos, especialmente, com a medicação contínua?

O que seria então a Gerontofobia, neste contexto? Gaeta afirma que “na verdade, temos uma gerontofobia, pelo menos aqui no mundo capitalista - inclua-se o Japão, apesar de toda sua cultura de respeito aos idosos – é o medo e a negação do envelhecer que impera” (p. 40, 2005).

Ressaltamos a importância do trabalho quanto a identidade pessoal, como explicitado no caso analisado. O orgulho da idosa em se afirmar como banqueteira, cuja doença a afastou do trabalho, indica que a ociosidade não era aceita por ela, gerando preconceito à sua própria condição de “inativa”.

Percebemos claramente a não aceitação de seus direitos diante das políticas públicas, esquecendo-se que durante sua vida de labuta contribuiu assiduamente para ter direito aos benefícios, mas a não aceitação de sua condição a leva à recusa a esta assistência.

Considerações

Apesar de poucos artigos científicos abordarem o tema gerontofobia, esta breve reflexão tentou associar nossas indagações ao caso apresentado de Acompanhamento Terapêutico, exemplificando por meio da narração dos comportamentos, queixas e angústias, este sentimento de recusa da própria condição, mas para o qual ainda não temos respostas. Um entendimento mais adequado, resultando em planejamentos e ações amplas de conscientização social talvez seja uma estratégia para o enfrentamento e aceitação de todas as fases da vida, inclusive no envelhecer com dignidade e respeito para com os idosos.

Se gerontofobia é o medo de envelhecer, podemos associá-lo a insegurança relativa à assistência e apoio familiares e sociais, resultando num temor do futuro, especialmente, se comparado a pessoas ao seu redor que tenham dificuldades para estes enfrentamentos.

Se considerada uma Síndrome podemos pensar em tratamento, sugerindo que deva ser iniciado pela assertividade das políticas públicas, com serviços de qualidade voltados às pessoas idosas, não contaminando a sociedade com hostilidade que pode fazer com que acreditem não ser dignos de receber qualquer assistência.

Concordamos com Trentin & Silva (2005) com relação à facilidade de introjetar situações adversas mais do que as situações favoráveis, uma das orientações a ser dada desde a infância, na valorização e respeito a todas as fases da vida. Esta talvez fosse a estratégia mais segura contra o medo de envelhecer – a gerontofobia.

Referências

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em:
<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=assim>. Acesso em 15/12/2013.

FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH, Mike. Ageing, the lifecourse and the sociology of embodiment. *Modernity, medicine and health*, p. 147-175, 1998.

GAETA, I. A., CÔRTE, B., MERCADANTE, E.F. *Velhice, Envelhecimento Complexo(idade)*. São Paulo: Vetor Editora, 2005.

NERI, Anita Liberalesso (org). *Desenvolvimento e Envelhecimento - Perspectivas Biológicas, Psicológicas e Sociológicas* - Campinas/SP - Papyrus Editora, 2006.

TRENTIN, M.; SILVA, S. H.; VALLE, M. L.; HAMMERSCHMIDT, K. S.A. - *Enfrentamento de situações adversas e favoráveis por pessoas idosas em condições crônicas de saúde* - Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.13 no.1 Ribeirão Preto Jan./Feb. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000100007&script=sci_arttext. Acesso em 25/09/2013.

Data de recebimento: 4/3/2014; Data de aceite: 15/5/2014.

Carmen Silva - Psicóloga (UNIP), Extensão Universitária - Psicologia e Informática: Um Panorama sobre os Relacionamentos Virtuais e os Serviços Psicológicos mediados por Computador / Habilitação: uso da Internet e da Informática: Possibilidades Contemporâneas (PUC/SP); Discente do curso de Especialização do Curso de Gerontologia (PUC-Ipiranga/SP). Atua como Psicóloga Clínica e realiza Acompanhamento Terapêutico Domiciliar ou Institucional nos Campos de Saúde e Gerontologia. Email: dracarmen-
psicologa@hotmail.com